

O CARÁTER PERFORMATIVO DA LINGUAGEM DOS PROTESTOS

Roselaine das Chagas¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar as formas de nomeação e designação presentes em alguns cartazes utilizados pelos manifestantes nos protestos ocorridos no mês de junho de 2013. Objetiva-se verificar, também, a relação existente entre as práticas discursivas veiculadas por meio dos enunciados e uma política de representação que está por trás desses dizeres. Para o desenvolvimento deste trabalho apoiamos-nos nos estudos da Pragmática de base austiniana que considera a linguagem como prática social e política que envolve escolhas e, por isso mesmo, está comprometida com a ética. De acordo com Austin (1990) tudo que fazemos com a linguagem são atos que têm efeitos performativos, ou seja, dizer algo é fazer algo. A cada ato de fala que se enuncia há um comprometimento por parte do enunciador, o que faz com que a linguagem possa afetar o outro, por isso a preocupação com questões éticas, da responsabilidade que decorre de uma ação. Declarar, para o autor, é mais do que dizer; é fazer algo. Além disso, a descrição é mediada pelo olhar de quem descreve e envolve escolhas linguísticas que não são neutras e nem inocentes. Após as análises realizadas verificamos o caráter performativo das enunciações presentes em cada cartaz. Ficou evidente a força ilocucionária presente em cada cartaz, em cada enunciado. Percebemos, pelos dizeres, um forte apelo dos manifestantes por justiça e mudança, feito principalmente por uma política de nomeação e de designação usada para a concretização de seus ideais e para a construção de uma política de representação que os coloca como autênticos brasileiros que lutam e anseiam por justiça e respeito.

PALAVRAS-CHAVE: Manifestações; Performatividade; Política de Representação

Introdução

No decorrer dos tempos, há diferentes concepções de linguagem. Na perspectiva da Pragmática, a linguagem é vista como uma prática social e política que envolve escolhas, e, por isso mesmo, está comprometida com a ética. Austin (1990) questiona as bases da filosofia analítica que considerava a linguagem apenas como forma de descrição e representação direta e neutra do mundo, em que não havia um comprometimento com o posicionamento ideológico. A descrição é a base dos tratados filosóficos, a filosofia analítica não utiliza elementos valorativos, trabalha com as explicações "neutras". Austin

¹ Professora de Língua Portuguesa da Fundação Carmelitana Mário Palmério (FUCAMP); doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

contrapõe essa ideia, pois segundo o autor, tudo que fazemos com a linguagem tem implicações éticas.

Declarar, para o autor, é mais do que dizer; é fazer algo. Mesmo quando declaramos algo, estamos fazendo alguma coisa. A descrição é mediada pelo olhar de quem descreve e envolve escolhas linguísticas que não são neutras e inocentes.

De acordo com o autor, tudo que se faz com a linguagem são atos que têm efeitos performativos, ou seja, dizer algo é fazer algo. Além disso, a cada ato de fala que se enuncia há um comprometimento por parte do enunciador, o que se faz com a linguagem pode afetar o outro, por isso a preocupação com questões éticas, da responsabilidade que decorre de uma ação.

Nessa perspectiva, o ato de nomear e designar são importantes para os estudos linguísticos, pois como afirma Freitas (2006, p....), “todo ato de nomear dá-se no âmbito de uma política de representação”. Para Rajagopalan (2003) ao nomearmos estamos criando sistemas simbólicos de representação, que sem dúvida geram impactos sociais, econômicos, políticos e éticos.

Neste trabalho, meu objetivo é analisar as formas de nomeação e designação presentes em alguns cartazes utilizados pelos manifestantes nos protestos ocorridos no mês de junho pelo Brasil. Pretendo, em última análise, verificar a relação existente entre as práticas discursivas veiculadas por meio desses enunciados e uma política de representação que está por trás desses dizeres. Os cartazes foram retirados da revista Língua Portuguesa publicada no mês de agosto de 2013.

O estudo insere-se na linha da Pragmática, pois o foco é o uso concreto da linguagem. Como afirma Pinto (2011, p. 47)

a Pragmática analisa, de um lado, o uso concreto da linguagem, com vistas em seus usuários e usuárias, na prática linguística; e de outro, estuda as condições que governam essa prática. Assim, em primeiro lugar, a Pragmática pode ser apontada como a ciência do uso linguístico.

Austin, o principal representante dos estudos pragmáticos, dedicou-se ao estudo da linguagem ordinária, ressaltando que os problemas filosóficos deveriam ser tratados como problemas semânticos e examinados à luz do uso comum da língua. Austin considera que a análise filosófica da linguagem deve se orientar não por uma teoria do significado, mas por uma teoria da ação. O intuito é saber como a linguagem adquire significado.

Os atos de fala e o caráter performativo da linguagem

A Teoria dos atos de fala, que tem por base as conferências de Austin publicadas após sua morte sob o título Quando dizer é fazer (Austin, 1990), concebe a linguagem como uma atividade construída pelos interlocutores, não como descrição do mundo, mas como ação. Segundo Austin a linguagem deve ser tratada essencialmente como uma forma de ação e não de representação da realidade, são as condições de uso que determinam o significado de uma sentença.

O que se analisa, nessa perspectiva, não é a estrutura da sentença com seus elementos constitutivos, mas as condições sob as quais o uso de determinadas expressões linguísticas produzem certos efeitos e consequências em uma dada situação. Tudo que se faz com a linguagem são atos que têm efeitos performativos.

Para Derrida (1991 apud PINTO, 2011, p. 60) “a teoria de Austin expõe a dimensão ética da linguagem, porque leva às últimas consequências a identidade entre fazer e dizer e insiste na presença do ato na linguagem, e não aceita separação entre descrição e ação. Não existe assim diferença entre dizer e a ação praticada”.

Inicialmente, Austin propõe a distinção entre atos performativos e constativos, mas, após a análise de alguns enunciados aparentemente constativos, questiona essa distinção, afirmando que todo ato de linguagem tem caráter performativo, mesmo quando fazemos apenas declarações. Na oitava Conferência ele afirma que

... nem sempre seria fácil distinguir proferimentos performativos de proferimentos constativos, e portanto, achamos conveniente recuar por um instante às questões fundamentais, ou seja, considerar desde a base em quantos sentidos se pode entender que dizer algo é fazer algo, ou que ao dizer algo estamos fazendo algo, ou mesmo os casos em que por dizer algo fazemos algo. (AUSTIN, 1990, p. 85)

Nessa linha de pensamento, o autor propõe a distinção entre os atos de fala em locucionário, ilocucionário e perlocucionário. O ato locucionário refere-se ao ato de proferir determinada sentença com determinado sentido e referência. O ilocucionário seria a força desse ato, que pode ser de informar, ordenar, prevenir, avisar, comprometer-se. E o perlocucionário diz respeito aos efeitos produzidos pelos atos, tais como convencer, persuadir, impedir, surpreender ou confundir.

O ato ilocucionário está relacionado com a produção de efeitos, se não obtiver efeito, o ato ilocucionário não terá sido realizado de forma feliz e bem-sucedida. O efeito equivale a tornar compreensível o significado e a força da locução. Assim, a realização de um ato ilocucionário envolve assegurar sua apreensão.

Otoni (2002) utiliza o termo “*uptake*” em inglês, conforme foi originalmente utilizado por Austin, em vez de apreensão, por considerá-lo mais abrangente e consistente. Segundo o autor o uptake é a condição necessária do próprio ato de fala, é ele que produz o ato. O uptake é a relação entre os interlocutores por meio da linguagem e não segue nem regras nem critérios formais definitivos que possam descrevê-lo.

Para Austin, qualquer enunciado tem implicitamente um sujeito, um eu que produz a fala; o significado depende do sujeito e do momento da enunciação. Segundo Otoni (2002, p.134), “Austin parte de um eu com a linguagem e chega a um eu na linguagem e da linguagem. O eu sozinho não tem domínio da significação: ele se constitui no momento da enunciação, na interlocução.” E complementa: “O eu não deve mais ser confundido com o sujeito empírico, uma vez que é só através do uptake que se constitui o sujeito”.

Nesse sentido, não é possível falar de uma intenção do sujeito falante, já que esta intenção não pode ser unilateral; depende do interpretante. A intencionalidade por si só não garante o efeito do ato, pois, como afirma Derrida (1991), o sentido se constrói no olhar do outro, ele se completa no ouvido do outro. Não há um controle por parte do sujeito falante sobre sua intenção, já que ela se realiza juntamente e através do uptake com seu interlocutor.

Desse modo, segundo Otoni (2002, p. 135) “o *uptake* é o lugar onde se complementam o eu e o tu, onde se assegura a fala; o uptake é o lugar do desmantelamento da intenção, o caminho próprio da desconstrução”. Com a noção de uptake, Austin subverte a sua própria teoria até então calcada no papel centralizador do sujeito falante; é através dessa noção que há um descentramento do papel do sujeito falante.

Dessa maneira, a força ilocucionária de um ato só vai se concretizar se o outro aceitar e se envolver nele (ato); o efeito só ocorrerá se o outro se abrir para a realização do ato. É importante ressaltar assim, que o sujeito vai se constituir não somente através das palavras, mas também das circunstâncias nas quais elas são empregadas. Conforme afirma Otoni (2002, p. 137) “o que vai importar não é o que o enunciado ou as palavras significam, mas as circunstâncias de sua enunciação, a força que ela tem e o feito que ela provoca”.

Assim, Austin questiona os pressupostos mais basilares da filosofia analítica, afirmando que não há como separar fato de valor. Para o autor, todo ato possui um caráter performativo, já que quando dizemos algo, estamos fazendo algo. Todo ato de nomear é um ato de valoração. Os atos que emitimos são performativos, causam impactos e têm consequências éticas e políticas.

É nessa perspectiva que vamos analisar os cartazes utilizados nas manifestações ocorridas no mês de junho de 2013.

O ato de nomear e designar e a política de representação

É importante discutirmos o papel da nomeação e da designação para analisarmos a(s) política(s) de representação que estão por trás dos atos de nomear e designar utilizados nos cartazes pelos manifestantes nos protestos ocorridos pelo Brasil no mês de junho de 2013. O ato de nomear e designar envolvem escolhas, por isso devem ser vistos como atos políticos e éticos que estão intimamente ligados a uma política de representação. Quando enunciamos fazemos escolhas linguísticas que deixam transparecer formas de representação.

O efeito de um ato, como já mencionado, dependerá do envolvimento do interlocutor, mas muitas vezes nossos enunciados são constituídos por elementos linguísticos que não foram “escolhidos” conscientemente. É o caso de atos falhos ou “escolhas” movidos pelo inconsciente que denunciam nossos posicionamentos. Como afirma Ottoni (2002, p.135) “nunca deixaremos de atribuir uma intencionalidade num ato (físico), uma vez que este não poderá ser isolado de uma intenção, já que pode haver situações inesperadas, não-tencionadas pelo sujeito”.

Como já afirmamos, todo ato de nomear se dá sempre no bojo de uma política de representação. Por meio de nomeações e designações, é possível criar verdades absolutas e perpetuar ideias que se encontram imbricadas em alguns posicionamentos ideológicos. Por isso, o ato de nomear é um ato político, carregado de subjetividade, que afeta o outro e tem implicações éticas.

Segundo Rajogopalan (2003, p. 83),

no momento em que é nomeado, o objeto deixa de ser exclusivo e único, pois o próprio ato de nomeação se encarrega de emprestar-lhe um atributo (a saber, a própria descrição-definida no caso- utilizada para nomeá-lo)

que é publicamente disponível e, em princípio, apto a ser aplicado a outros objetos.” O autor acrescenta que “ é inegável o importante papel desempenhado pelos termos cuidadosamente escolhidos a fim de designar indivíduos, acontecimentos, lugares.

Rajagopalan também questiona os pilares da filosofia e assevera que, quando descrevemos algo, emitimos juízo de valor. Rajagopalan (2003, p. 86) afirma que “ há um julgamento de valores, disfarçado de referência neutra todas as vezes que descrevemos algo. Ao colocar algo em evidência, as descrições tomam também um caráter avaliativo e opinativo”. Assim, os atos não são puros, nem destituídos de valores.

O autor reforça a ideia de que nossas escolhas têm um caráter político e, dessa forma, implicações éticas.

Segundo Freitas (2006, p. 42)

é a partir da nomeação que as categorizações e as concepções são criadas (são estabelecidas). Assim, a partir do ato de nomeação produzimos efeitos, que devem ser analisados sempre em uma perspectiva ética e política, pois o ato de nomear nunca ocorre em um contexto neutro e ingênuo, e tanto pode constituir um indivíduo de forma positiva, quanto devastadora.

Dessa forma, podemos afirmar que o próprio ato de nomear se constitui numa política de representação, numa forma de afirmação. Segundo Ragopalan (2003, p. 33)

de qualquer forma está subentendido que a ética, e portanto toda atividade a política, envolve escolha. E a escolha pressupõe a existência de uma escala de valores, uma hierarquia. A questão da representação é uma questão política precisamente por envolver escolha.

A análise dos cartazes se pautará na relação que as escolhas linguísticas têm com as manifestações realizadas pelo Brasil e as possíveis consequências disso.

As manifestações ocorridas no Brasil no ano de 2013

O ano de 2013, no Brasil, foi marcado por um período de grandes manifestações populares que alcançaram proporções inimagináveis e históricas para a sociedade

O caráter performativo da linguagem

brasileira. Os protestos iniciados na cidade de São Paulo pelo MPL (Movimento Passe Livre) dominaram as ruas, as redes sociais e os noticiários brasileiros.

Inicialmente restritos ao preço da passagem e à exigência do passe livre, os protestos foram rapidamente absorvidos por diferentes setores da sociedade, que organizaram passeatas com diversas reivindicações com o intuito de pedir mudanças e criticar os governantes, tais como vigilância nos investimentos das obras para a Copa do Mundo de 2014, maiores e melhores investimentos nas áreas da educação e saúde e transparência política para o exercício da cidadania.

Os manifestantes utilizavam cartazes, faixas, slogans, gritos de guerra, pichações, entre outros recursos, com dizeres criativos, provocantes e irreverentes, a maioria improvisados e elaborados manualmente, que expressavam a insatisfação e indignação do povo brasileiro. O descontentamento com o cenário nacional levou às ruas pessoas de diferentes classes sociais, que tinham como objetivo expressar seu inconformismo e sua insatisfação social.

Apesar de algumas pessoas utilizarem de violência, sendo chamadas, inclusive, de vândalos e baderneiros, as manifestações configuraram o maior movimento popular da história do Brasil, com cruciais abalos políticos e sociais.

Já foi possível observar algumas conquistas com as manifestações, como por exemplo, a redução das tarifas do transporte público, a realização, por parte do governo, de uma reforma constitucional, além de vetos e aprovações de propostas que estavam paradas ou em discussão no legislativo, por exemplo, o veto a PEC 37 (Proposta de Emenda Constitucional) que limitaria o poder do ministério público na investigação de casos.

Vale ressaltar que os manifestos ocorreram concomitantemente com a Copa das Confederações em junho de 2013. Os manifestantes objetivavam justamente demonstrar a insatisfação e a indignação pelos enormes gastos feitos pelo governo com a construção dos estádios de futebol, que, após a Copa de 2014 se tornarão, segundo opinião pública “verdadeiros elefantes brancos”.

Descrição do estudo

Descrição do corpus de estudo

O corpus a ser analisado compõe-se de alguns enunciados retirados dos cartazes utilizados pelos manifestantes nos protestos ocorridos no mês de junho no Brasil. Esses cartazes foram publicados na revista *Língua Portuguesa* no mês de agosto de 2013.

Análise e discussão dos dados

A análise se pautará nos enunciados dos cartazes e faixas utilizados pelos manifestantes, verificando as formas de nomeação e designação presentes nessas práticas discursivas, bem como a (s) possível (eis) políticas de representação que sustentam esses enunciados.

Para a análise, utilizaremos como aparato teórico a Pragmática, que estuda o uso concreto da linguagem, evidenciando os usuários na prática linguística e as condições que governam essa prática.

Faremos abaixo a transcrição dos enunciados a serem analisados.

- 1) “Desculpe o transtorno, estamos mudando o país”;
- 2) “Saímos do Facebook”;
- 3) “ Queremos hospitais padrão Fifa”;
- 4) “Vem pra Rua”;
- 5) “Vem vamos embora. Esperar não é saber”;
- 6) “Visite estádio decorado”;
- 7) “R\$ 0.20. Não é por centavos, é por direitos”;
- 8) “Olha a minha cara de Vândala”;
- 9) “Verás que um filho teu não foge à luta”;
- 10) “82 anos – Não vim pra brincar, vim manifestar”

Nos enunciados apresentados acima, percebemos que, ao enunciar, cada falante fez sua escolha linguística que demonstrasse seu posicionamento político e ideológico. São enunciados pequenos, a maioria elaborados manualmente, com uma linguagem criativa, provocante, instigante e eficazes na divulgação das reivindicações.

Alguns enunciados se configuram como paródias ou referências a termos utilizados em outras situações. O enunciado 1 (Desculpe o transtorno, estamos mudando o país), por exemplo, se assemelha a avisos similares (Desculpe o transtorno) comuns em lugares nos quais obras em execução atrapalham os usuários. Esse enunciado remete à ideia de que os manifestantes têm consciência de que podem estar incomodando, atrapalhando o bom

O caráter performativo da linguagem

funcionamento de algum órgão, mas fazem isso com a intenção de melhorar o país, de buscar melhorias para a sociedade brasileira.

Outros enunciados também fazem referência a termos já existentes, como o enunciado 5 (Vem vamos embora. Esperar não é saber), que faz menção à música de Geraldo Vandré (Pra não dizer que não falei das flores), que, assim como a música, tem como objetivo criticar a passividade, o conformismo, e chamar as pessoas para a luta, para serem ativos do próprio caminhar.

O enunciado 9 (Verás que um filho teu não foge à luta) também é um exemplo de referência, nesse caso, ao Hino Nacional. O enunciado é parte de um texto clássico, o Hino Nacional, normalmente cantado em situações cerimoniais e formais. Nesse caso, utilizado em um momento concreto, real, que demonstra que o manifestante se sente brasileiro, pertencente ao país, e que quer lutar pelos seus direitos.

O enunciado 6 (Visite estádio decorado) possui claramente um tom satírico, irônico, imperativo, que foi utilizado como uma placa em forma de seta pendurada no pescoço de uma moça, imitando anúncios imobiliários pendurados no pescoço de “homens-placas”, comuns nas esquinas das grandes cidades. Esse enunciado transmite a ideia de que “o visitante” até pode não encontrar um país organizado, sério, com excelente infraestrutura, mas, em contrapartida, poderá visitar os estádios construídos para a Copa, que são perfeitos, bem organizados e bem equipados, ou pelo menos, deveriam ser.

Já o enunciado 2 (Saímos do Facebook), faz uma crítica bem-humorada aos chamados “ativistas do sofá”; demonstra que os manifestantes deixaram o computador em casa, saíram do mundo virtual, para irem para o mundo real, e clamam por melhorias, por justiça. Ressalta também a importância das redes sociais, responsáveis pela organização de muitos manifestos. Um lugar onde foi possível reunir várias pessoas que lutavam pelo mesmo ideal e que tinham as mesmas ansiedades.

Ocorre paródia, também, no enunciado 2 (“Vem pra rua”), que faz referência ao clichê utilizado pela rede Globo (vem pra Globo, vem). Nesse enunciado, os manifestantes fazem um convite, um apelo para que todos os brasileiros participem do manifesto, que lutem juntos pelos seus ideais.

O enunciado 3 “Queremos hospitais padrão fifa”, ressalta a indignação dos brasileiros em relação aos altos gastos do governo com a Copa de 2014. Os manifestantes demonstram que, assim como houve altos investimentos para a construção dos estádios, que haja também investimentos na saúde, que na realidade deveria ser prioridade dos

governantes. O que se deseja é que os hospitais sejam construídos e mantidos com refinamento e qualidade, assim como a Fifa exigiu que fossem os estádios.

Alguns enunciados, para serem interpretados, precisam da associação entre os dizeres e a imagem a que correspondem. É o caso dos enunciados 8 e 10, respectivamente (“Olha minha cara de vândala” e “ 82 anos – não vim pra brincar, vim manifestar”). O primeiro está sendo segurado por um pai que está com uma filha de mais ou menos um ano de idade no colo. O segundo, por um senhor, que ergue o cartaz com um sorriso no rosto. São dois enunciados bem satíricos e irônicos que revelam que tanto crianças quanto idosas exigem mudanças e estão se manifestando. O primeiro cartaz evidencia que aqueles que estão gritando por justiça, não são vândalos, como foram inicialmente chamados pela mídia, mas pessoas honestas, íntegras que lutam por seus direitos. O segundo ressalta que os manifestantes não estão brincando, mas estão lutando por coisas sérias e importantes.

O sétimo enunciado “R\$ 0,20. Não é por centavos, é por direitos”, evidencia o marco inicial de todos os protestos. Inicialmente as manifestações ocorreram devido ao aumento das tarifas no transporte coletivo. Os manifestantes foram criticados pela mídia e pelo poder público por fazerem tanto barulho por apenas R\$ 0,20. Nesse enunciado fica claro que as manifestações não ocorriam apenas pelo aumento de 20 centavos, mas pelo desrespeito com o brasileiro, pela infração a seus direitos. Isso pode ser comprovado, pelas inúmeras reivindicações que eles faziam, referindo-se principalmente ao respeito aos direitos de cidadania plena, por uma vida civil com saúde, trabalho, moradia e educação de qualidade.

É possível perceber que todos os enunciados, grafados em cartazes ou faixas, fazem fortes apelos para que o brasileiro não se sinta conformado com a situação pela qual passa o país. Não são enunciados sem fundamentos, ilógicos, pelo contrário, estão embasados e fundamentados em ideias já difundidas, possuem propósitos claros e representam claramente o posicionamento ideológico de quem os enuncia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso destacar, que vários aspectos podem ser analisados a partir dos dizeres estampados nos cartazes pelos manifestantes. Nosso objetivo, entretanto, foi analisar as formas de nomeação e designação presentes em alguns cartazes, verificando a relação existente entre as práticas discursivas veiculadas por meio dos enunciados e uma possível política de representação que sustenta essa prática.

As análises apresentadas mostram o caráter performativo das enunciações presentes em cada cartaz. Assim como postula Austin, todo dizer é um fazer. Fica evidente, a força ilocucionária presente em cada cartaz, em cada enunciado. Todos, inconformados e insatisfeitos com a atual situação do país, clamam por justiça, por melhorias e por mudanças.

Todos os termos escolhidos para designar e se referir aos protestos foram cuidadosamente escolhidos para que atingissem o objetivo almejado. A escolha do que deveria ser escrito nos cartazes, da forma de nomear, foi sempre moldada e motivada por uma intenção, que estava em consonância com os objetivos a serem alcançados.

Com base na visão pragmática de linguagem como ação, é possível verificar que os manifestantes tentam promover intervenções na opinião da população brasileira e dos governantes. Eles acreditam que estarão fazendo coisas com sua ação, ou seja, as palavras realizam ações. Assim, a linguagem dos enunciados é fortemente performativa, está carregada de subjetividade e valoração, por isso possui implicações éticas e políticas.

Os enunciados analisados foram criativos, provocantes e instigantes e representam a voz de um povo que clama por justiça. Apesar de ser um movimento espontâneo em que não havia grupos reunidos, organizados, todos lutavam por causas coletivas, quebrando as correntes do conformismo social e com a possibilidade de gerar mudanças históricas e de grandes benefícios a toda nação brasileira.

Por meio da análise dos enunciados, percebemos um forte apelo dos manifestantes por justiça e mudança, feito principalmente por meio de uma política de nomeação e de designação usada para concretização de seus ideais e para a construção de uma política de representação que os coloca como autênticos brasileiros que lutam e anseiam por justiça e respeito.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. Quando dizer é fazer: palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre, Artes Médicas,1990.

FREITAS, Alice Cunha. A Performatividade das “constatações” da escola: seus efeitos e consequências. In: FIGUEIREDO, Célia Assunção; JESUS, Osvaldo Freitas (Orgs.). **Linguística Aplicada: aspectos da leitura e do ensino de línguas**. Edufu, 2005.

_____. As identidades do Brasil: buscando as identificações ou afirmando as diferenças?. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil; FERREIRA, Dina Maria Martins (Orgs.) . **Políticas em Linguagem: perspectivas identitárias**. São Paulo: Mackenzie,2006.

OTTONI, Paulo. **John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem**. Revista Delta, v. 18, n. 1. São Paulo: EDUC- Editora da PUC-SP,117-143,2002.

PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIN, Fernanda; Bentes, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 7 ed. São Paulo: Cortez, v.2, 2011.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial,2003.